O GLOBO
Publicado em 07/12/2023 - 05:57

Metade dos jovens mais pobres não estuda nem trabalha

Metade dos jovens das famílias mais pobres não estuda nem trabalha

Entre os 10% mais ricos, apenas 7,1% dos brasileiros de 15 a 29 anos estão nesta situação. Na baixa renda, eles são 49,3%

ANA FLÁVIA PILAR, CAROLINA NALIN E LUANA REIS*
economia@oglobo.com.br

Metade dos jovens de 15 a 29 anos das famílias mais pobres do país não estuda nem trabalha. É o que revela a pesquisa Síntese dos Indicadores Sociais (SIS), divulgada ontem pelo IBGE. Pela primeira vez, o instituto mapeou os chamados "nem-nem" por faixa de renda. E constatou que, em 2022, apesar de o número total de jovens nessa situação ter diminuído, nos 10% dos domicílios mais pobres do Brasil, 49,3% dos moradores dessa faixa etária não estavam estudando nem trabalhando.

São famílias nas quais a renda domiciliar per capita média é de R$ 163 por mês. Na outra ponta da pirâmide social, nas famílias dos 10% mais ricos do país, nas quais a renda média per capita é de R$ 6.448, essa parcela é de só 7,1%.

O percentual de jovens inclui aqueles que podem até estar procurando um emprego, mas não encontram oportunidades de trabalho, sejam elas formais ou informais. São adolescentes ou jovens adultos que não estão fazendo qualquer tipo de serviço extra ou bico, como uma faxina, uma pintura ou cuidar de crianças.

Enquanto nos estratos de renda mais alta a parcela dos jovens nem-nem diminuiu na última década, entre as famílias mais pobres a situação só se agravou. Em 2012, 41,9% dos jovens nos lares mais pobres não estudavam nem trabalhavam. Em 2022, esse número saltou para 49,3%.

— Os jovens têm maior dificuldade de ingresso e estabilidade no mercado de trabalho. É um grupo que merece atenção especial das políticas públicas — diz André Simões, analista do IBGE.

Lucas William, de 23 anos, ficou quase um ano sem trabalhar nem estudar assim que se formou no ensino médio. Morador de São Gonçalo, na Região Metropolitana do Rio, ele conseguiu voltar ao mercado após fazer um curso popular de capacitação profissional. Hoje, faz faculdade de Logística on-line e trabalha como operador do setor:

— Esse período da escola para mim foi bem estranho. Não sabia o que queria fazer, qual carreira seguir. Já tinha trabalhado antes, para ajudar na renda de casa, mas tive que sair porque estava começando a atrapalhar muito as minhas notas. Então, quando saí, não passei no Enem, não tinha trabalho. Eu estava totalmente perdido. Foi um pouco menos de um ano que fiquei parado, mas parece muito mais tempo quando você está nessa, desempregado, precisando de uma estabilidade financeira, algo para se sustentar. Alguns dias parecem anos — conta.

MULHERES SÃO MAIORIA

O levantamento mostra que cerca de 22% dos jovens de 15 a 29 anos no Brasil não estudavam nem estavam ocupados em 2022, o que representa 10,9 milhões de pessoas. É o menor quantitativo da série histórica, iniciada em 2012. Naquele ano, o país tinha 11,3 milhões nessa situação.

A queda em números absolutos reflete a mudança no padrão demográfico do país, com o envelhecimento da população, segundo o IBGE.

No recorte de gênero e raça, são principalmente jovens pretas ou pardas (43,3%) que não estudam nem trabalham, seguidas por homens pretos ou pardos (24,3%). Na retaguarda, aparecem as mulheres brancas (20,1%) e os homens brancos (11,4%).

Segundo o IBGE, a maternidade precoce, os afazeres domésticos e a necessidade de cuidar de parentes costumam ser os principais motivos para essa diferença tão grande entre os gêneros, afastando mais as meninas e mulheres das escolas e do mercado de trabalho.

Daniel Duque, economista do FGV Ibre, alerta que o contingente de jovens que não estudam nem trabalham já voltou a subir ao longo de 2023. E a ausência da educação traz consequências para o futuro:

— A gente observa que já aumentou (a população nem-nem) nos últimos trimestres. Mas mais preocupante do que o jovem não estar empregado, é ele não estar estudando. Em termos de benefício econômico, a educação seria mais importante — avalia.

*(*Estagiária, sob supervisão de Danielle Nogueira)*

DIVULGAÇÃO/INA CAROLINA ARNÔNI

Passado. Lucas William, de 23 anos, ficou quase um ano sem trabalhar nem estudar assim que se formou no ensino médio

Cai percentual de crianças de 4 e 5 anos na escola

> A frequência escolar das crianças com 4 e 5 anos recuou 1,2 ponto percentual entre 2019 e 2022. Passou de 92,7% para 91,5%, segundo dados da Síntese dos Indicadores Sociais do IBGE. Os principais motivos apresentados para não frequentar a escola são escolha dos pais e falta de vagas em creches.

> Em 2019, 48,5% das crianças nessa idade não iam à escola porque os responsáveis não queriam. Preferiam, por exemplo, deixar com uma babá. Esse percentual caiu para 39,8% no ano passado.

> A falta de vaga como motivo para não frequentar o colégio subiu de 19,5% para 20,8% no período. Ausência de escolas próximas ou dinheiro insuficiente para manter a criança matriculada também são razões mais frequentes para explicar a ausência das crianças nas salas de aula. Passou de 24,9% para 26,7% entre 2019 e 2022.

> O IBGE diz que a pandemia da Covid também pode ter influenciado.

> Uma das consequências do atraso do ingresso de crianças na escola foi a piora nos resultados da alfabetização. O percentual de crianças consideradas alfabetizadas no 2º ano do ensino fundamental caiu de 60,3%, em 2019, para 43,6%, em 2021, segundo dados do Sistema de Avaliação da Educação Básica.

> — A pré-escola é importante porque ela prepara para os anos iniciais do ensino fundamental, onde vai ocorrer a alfabetização — diz Betina Fresneda, analista do IBGE.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal O Globo - Rio de Janeiro/RJ

Seção: Economia **Pagina:** 15

Copyright © Clipclap 2025.